

## PERSONAGENS E AGENTES NAS FRENTES DE EXPANSÃO

Gutemberg Armando Diniz Guerra

*Programa de Pós-Graduação Agrícolas Amazônicas/UFPA*

## PASSEANDO NA FRONTEIRA

O processo de ocupação da Amazônia e sua incorporação à lógica da expansão do mundo ocidental ocorreram ao longo de 500 anos, desde os primeiros contatos dos europeus até o cadinho de culturas que se misturam décadas após décadas, neste espaço em construção, nesta fronteira em movimento, como se costuma descrever na literatura acadêmica (HEBETTE, 2004). Compreender e compreender-se neste espaço é o desafio de personagens e agentes de transformação ou de permanências. De transformação para os que chegam de outros lugares e civilizações; de permanências para os que existiam e ocupavam espaços com suas lógicas próprias e, obrigados ao contato não programado com novos personagens, não os absorvem na plenitude das expectativas dos que chegam e por isso manifestam discordâncias, divergências e conflitos.

Personagens interpretam papéis que lhes são atribuídos pelo seu grupo social. Eles são agentes na medida em que representam a si mesmos e, personagens, expressando papéis lhes atribuídos pelos grupos sociais a que pertencem, defendendo interesses pessoais e coletivos, se é que isso é possível dentro do contexto em que são obrigados a viver a contradição de ser eles mesmos e o que os outros objetos e atores determinaram ou pretendem que sejam. Entenda-se o termo personagem no sentido estrito daquele que fala através de máscaras sociais, como reza a tradição antropológica. Personagens pressupõem falas, mensagens advindas através de algo que não é necessariamente aquele que fala, mas aquele que fala através de... Neste sentido, neste texto, personagens podem ser objetos, como casas, barcos, instituições, na medida em que expressam sentidos dados pelos grupos sociais ou indivíduos com papéis definidos socialmente. Adota-se a relação dialógica entre observador e observado como elementos em interação, um influenciando na percepção do outro, principalmente considerado o contexto humano em que se moldam práticas de vivência e sobrevivência, de produção e reprodução de condições materiais, de construção e reconstrução de idéias.

Na leitura de *Frentes de expansão*, de Otávio Guilherme Velho, o que se tentou verificar e explicitar foi de quem o autor fala, quem lhe fala sobre o que ele descreve, analisa e se impõe como matéria prima do seu trabalho interpretativo. O que se tentou fazer é uma radiografia das personagens que aparecem e do que elas representam em todos os processos pelos quais passou o Sudeste do Pará, considerando o rebatimento da expansão da sociedade européia e brasileira ao longo de todo um processo histórico que remonta ao século XVI. A rigor, personagens e atividades desempenhadas se misturam, e surgem tantas personagens quantas são as atividades socioeconômicas e culturais sendo mostradas. Ora, se existem atividades econômicas, existem os seus agentes, os seus responsáveis, as suas personagens. Tenta-se colocar em relevo o que se mistura no texto, o que se esconde nas entrelinhas.

Quem aparece na obra de Otávio Guilherme Velho?

Desde o prefácio à segunda edição, é o próprio autor quem aparece, se apresentando, como observador, para justificar o investimento. Ele coloca em primeiro plano – e como personagem primeira – a região objeto de estudo, ressaltando a sua importância. A região de estudo exige uma explicação que vai se consolidar ao longo do texto que delimita a área polarizada pelo Município de Marabá, com projeção para São Domingos do Araguaia como epicentro do que virá. Como segundo personagem, o pequeno produtor rural. Segundo porque é tamanha a projeção que dá à região e se constitui no principal historiador dela, que ela mesma, região, se reifica, ou é reificada enquanto lócus da ação que vai se desenvolver e se explicitar como tendo uma lógica nela mesma. A região ganha personalidade, natureza de máscara através da qual uma identidade se expressa. O milagre, expressão do sucesso econômico da ação governamental e da repressão promovida pelos militares no poder à época, entra em cena entrelaçando-os no discurso deste mesmo prefácio. A esquerda é citada no argumento de que o pequeno produtor também era secundarizado. É Otávio Guilherme Velho quem diz:

Na mesma ocasião, porém, em que o livro vinha a público (1972), começavam a chegar as primeiras e fragmentárias notícias que notabilizariam não só a região, mas o próprio povoado de São Domingos do Araguaia, transformando muito dos *personagens anônimos* deste livro em protagonistas de uma verdadeira guerra. Que a região, pelos mesmos ou outros motivos, manteve-se bem viva, inclusive nas preocupações governamentais, é atestado pela criação recente de um grupo de terras do Araguaia-Tocantins.

O trecho acima ilustra o estilo de Otávio Guilherme Velho e o tom que dá ao seu relato e que inspira esta abordagem. O livro *vinha a público* como se saísse dos bastidores para ganhar a ribalta, em um momento que o parêntesis ressalta (1972), e apresenta a região como *viva*, ganhando notoriedade pelo conflito armado entre forças legais e opositores legítimos.

Autores que falam sobre a região ou sobre o conceito de fronteira vão sendo arrolados ao longo da obra, sendo citados desde o prefácio, compondo vasta e bem referenciada bibliografia. Ali estão enfileirados os seus interlocutores, pistas fundamentais a quem pesquisa sobre o processo histórico de ocupação do sul e sudeste do Pará.

Otávio Guilherme Velho descreve e analisa processos e ciclos econômicos, conforme se pode atestar pelos títulos dos capítulos, com uma lógica narrativa em que o cenário entra pela caracterização e descrição do fenômeno frentes de expansão e delimitação do espaço em que ele ocorre e que vai se constituir em tema de estudo. Uma pincelada histórica dá o tom da narrativa, revendo-se os passos do processo de implantação das primeiras estruturas e lógicas eurocêntricas de reordenamento do espaço. É nesse contexto que vão sendo apresentados religiosos, militares e os primeiros colonizadores civis revestidos de uma autoridade outorgada pela história oficial. Índios e negros são mão-de-obra potencial, o objeto de desejo do protocapitalismo que se expande via mercantilismo.

O esquema geral do trabalho obedece ao procedimento clássico das dissertações de mestrado, compondo-se fundamentalmente de três partes, a introdução, o desenvolvimento, que vem exposto em sete capítulos, e uma conclusão.

A introdução se prende à caracterização das frentes de expansão como conceito de base que vai atravessar toda a análise. As delimitações da área e do tema de estudo se destacam como elementos provocativos ao leitor, e cumprem o objetivo clássico de anunciar as pretensões do trabalho. Pode-se ver com clareza o estilo do autor se definindo neste processo descritivo, generoso de detalhes metodológicos, de preocupações com a precisão histórica, geográfica, conceitual.

A listagem comentada de efemérides importantes para se compreender o processo de ocupação e transformações na região aparece como um capítulo de natureza histórica, intitulado *Os primórdios*. O marco temporal na obra de Otávio Guilherme Velho merece destaque porque não

despreza nenhuma das grandes categorias que estruturam a sociedade brasileira, como visto anteriormente. Índios, negros, brancos pobres e ricos, religiosos e leigos, civis e militares, representantes oficiais ou oficiosos do poder estabelecido, as personagens desfilam e vão sendo apresentadas em uma primeira lista de chamada, depois descritas com detalhes representativos, e finalmente analisadas as relações que estabelecem entre si e com outros, como propõe a *démarche* sociológica.

A estruturação do relato por ciclo econômico obedece ao mesmo esquema de outras obras clássicas como *Formação econômica do Brasil* (FURTADO, 1982), e *História econômica do Brasil* (PRADO JUNIOR, 1976), em que pese significativas diferenças de abordagens e enfoques.

Mas quem são as personagens arroladas ao longo da obra?

#### ENCONTRANDO GENTE NAS ATIVIDADES ECONÔMICAS

Desde a introdução, Otávio Guilherme Velho vai listando àqueles que acessou como fontes históricas, e outros que mobilizou com base na literatura encontrada, ora denominando personalidades, como o Barão do Rio Branco, na discussão sobre as fronteiras brasileiras, ora dialogando com fontes de organismos oficiais, como o Instituto Brasileiro de Geografia e estatística, o IBGE, cujos dados teriam sido utilizados e reorganizados para possibilitar o entendimento do que teriam sido as frentes de expansão por uma leitura demográfica.

Quando se dedica aos primórdios, faz aparecer identidades nacionais diferenciadas, como portugueses, espanhóis, franceses, ingleses e holandeses, todos representantes de países possuidores de costa atlântica, favorecidos, portanto, para o acesso ao Novo Mundo, quando do re-ordenamento geopolítico oportunizado pelas descobertas feitas pelas navegações marítimas promovidas nos séculos XV e XVI. Projeta-se um ou outro nome pessoal, como o de Orellana, cuja viagem pelo Rio Amazonas, embora conhecida, não deixa marcas em sua passagem pelas terras e águas visitadas. De cada uma dessas nacionalidades aparecem destaques individuais, principalmente para os franceses que disputam fortemente a região. Charles Des Vaux, La Blanquartier, Daniel de La Touche, La Planque ilustram a lista. Diferentemente, os irlandeses, holandeses e ingleses são tratados como interessados presentes na área, sem relevo ou acento para nenhuma pessoa dessas nacionalidades. Os

portugueses entram com Pedro Teixeira, quando se descreve o seu papel de pioneiro na região. Ele representa a colonização portuguesa que se instala com cultivos de cana-de-açúcar e exploração de drogas do sertão. É reconhecido mobilizador de mão-de-obra indígena e negra para as atividades produtivas, além de outros portugueses e europeus aliados, que se não distinguidos socialmente, fazem parte da população composta de civis, militares e religiosos que encham a cena no período colonial.

Os religiosos cumprem um papel importante na narrativa e deles são citadas as ordens dos jesuítas e dominicanos como fundamentais ao processo de instalação dos europeus na Amazônia, em geral, e no Tocantins, em particular. Destacam-se ao longo do trabalho as presenças nominais de Frei Cristóvão de Lisboa, citado pelo historiador Antonio Baena, que lhe atribui o pioneirismo na subida do Rio Tocantins até onde hoje se encontra Tucuruí, antiga cachoeira da Itaboca. O Padre Antonio Vieira aparece pela citação feita em Rodrigues (mas qual deles? existem dois na literatura e a citação não faz referência à data. Hildebrando Rodrigues organizou e publicou, em 1939, o *Album do Pará* e Lysias A. Rodrigues, em 1945, pelo IBGE e Conselho Nacional de Geografia, publicou *O Rio dos Tocantins*). O padre João Felipe Bettendorf é igualmente fonte qualificada, citada por Rodrigues e chamado a contribuir na obra em foco. Foi ele autor da *Crônica dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*, republicada pela Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves/Secretaria de Estado da Cultura, em 1990. O importante a reter é a presença da Igreja Católica através dos religiosos da Companhia de Jesus e outras organizações, marcando a história da ocupação amazônica. Não se pode deixar de reconhecer a importância destes interlocutores na construção do trabalho de Otávio Velho. As personagens históricas não podem ser resumidas aos que são objetos das falas dos autores arrolados. Os próprios autores se constituem, neste caso, em parceiros e personagens de Otávio Guilherme Velho, na construção de sua leitura sobre o espaço definido como foco da pesquisa.

Bandeirantes e aventureiros, como Bartolomeu Bueno da Silva e o Mestre de campo Pascoal Paes de Araújo, ocupam lugar na narrativa representando civis que se imiscuem no território e vão lhe dando características de ocupação européia pelo domínio sobre a mão-de-obra, o espaço e as primeiras estruturas de relações com a metrópole e a cultura européia. Este capítulo se caracteriza pela referência pontual e sistemática que

vem sendo feita a cada um dos atores registrados em literatura histórica dispersa pelo país, ora servindo como fonte primária, ora como pistas de documentos comprovadores destas participações na história regional.

A Frente Pastoril projeta Marabá que aparece como caudatária de população migrante remanescente de uma disputa política em que os protagonistas foram frades italianos e um padre que disputou com os partidários de Floriano Peixoto o poder político local em Boa Vista do Tocantins (Tocantinópolis). Ali aparecem em disputa, além dos atores citados, algumas organizações, como a maçonaria, a igreja católica e partidos políticos.

Colonos partidos do Pará e garimpeiros de origens diversas são evocados em suas trajetórias em busca de terra para plantar ou para dela tirar minérios, ora em empreendimentos exitosos, ora fracassados, mas todos carregados de dramaticidade e vida humana. É neste contexto que se faz referência a contrabandistas estrangeiros fundeados aguardando a chegada de metais desviados da rota normal, controlada pela Coroa, e que passava pelo Rio de Janeiro.

Camponeses marginais, vaqueiros, tropeiros, pecuária de baixa qualidade atrelada ao sistema da economia açucareira no início e depois, constituindo dinamismo próprio, enchem a cena e dão conta dos deslocamentos em direção à região.

O Burgo do Itacaiúnas, embrionária Marabá, exige a manifestação de governadores dos estados do Pará, Goiás e Maranhão, políticos e religiosos engajados nas transformações entre monarquia e república, e moradores adeptos de um ou de outro se envolvem no que seria o protótipo do primeiro assentamento agrícola implantado na Região Sudeste do Pará. Testemunhas deste empreendimento, um engenheiro comissionado pelo estado para vistoriar o Burgo do Itacaiúnas, Ignácio Batista de Moura, manifesta otimismo ao descrever as atividades da população recém instalada. O francês Henri Coudreau manifesta descrença e o italiano Buscalione, pessimismo franco, ao falar do mesmo assunto.

A extração livre de castanha delinea personagens que compõem a identidade marabaense evocada nas edições comemorativas do aniversário da cidade. Indígenas, jesuítas, nordestinos, flagelados estão referenciados, mas os que se impõem como dominantes são os comerciantes que organizam a atividade de coleta da castanha e das trocas mercantis necessárias ao estabelecimento mínimo de uma população humana territorializada. A história

de Marabá ganha densidade com as figuras de Francisco Coelho, maranhense e do cearense Francisco Casemiro de Sousa, ambos comerciantes que disputam no imaginário popular a atribuição ao nome da cidade. Francisco Coelho teria conhecido a região por ter participado da condução de uma boiada, vendida ali mesmo nas proximidades do sítio em que viria a se estabelecer anos depois. São Felix de Valois, chegado como patrono por mãos dos dominicanos, é reverenciado como padroeiro. Entremeados no texto aparecem sertanejos, vaqueiros, moradores pioneiros da área, consolidando uma história de personagens reais e simbólicos, individuais e coletivos, governamentais e civis.

Batelões dão significado ao transporte e comércio nos rios, antes da chegada do motor à explosão, fosse o penta, de pequeno porte, ou os de outras marcas, grandes, para os barcos maiores. Seringueiros, caucheiros, castanheiros e comerciantes convivem expressando não apenas a atividade econômica, mas também a religiosa, principalmente por fontes de natureza eclesástica acessadas. O Bispo de Conceição do Araguaia, D. Domingos de Carrérot, faz parte desse diálogo com as informações que traz para a dissertação de Otávio Guilherme Velho.

Dando seqüência ao que se descreveu no capítulo anterior, *Marabá do Diamante e da Castanha* é o título de um dos capítulos. Baseado na leitura de Barruel de Lagenest, padre francês que teria passado cinco meses na região, e publicado um livro de semelhante título, registrando o que era a vida naqueles idos de 1950, Otávio chama à conversa os representantes destas atividades. Ali os barracões sinalizam para a existência de relações importantes. É um objeto-personagem, o barracão que fala pela atividade que envolve governantes, comerciantes-financiadores, pecuaristas, agricultores, castanheiros, mulheres da vida. Em torno dele girava toda a vida da concentração e da dispersão populacional. Essa atividade se concentrava nos meses molhados, de novembro a maio, quando era possível adentrar nos castanhais para a retirada dos bagos, em embarcações que singravam rios e igarapés mata adentro. O verão ficava reservado para os mergulhos nos pedrais onde se podiam encontrar diamantes. Empresas mineradoras estrangeiras desenvolvem um papel difuso, mas efetivo, arrebanhando pilotos e mergulhadores para a busca do mineral precioso. Corrutelas, aglomerações temporárias e precárias se estabelecem ao longo dos cursos d'água, e parte do dinheiro e da geografia local se deixa marcar pela presença do diamante.

Boi e castanha vêm fazer o capítulo 6 da obra de Otávio Guilherme Velho. A atividade agrícola que aparece como intersticial à exploração da castanha no capítulo anterior se complexifica neste. Destaca-se um trecho em que se detalha as atividades de algumas famílias, podendo-se ver nesta descrição objetos e atores formando sistemas e configurando o espaço. Vaqueiros, reparadores de barcos, fabricantes de queijos e de pães, encarregados de barracão e de armazém, responsáveis pela pensão e alojamentos de trabalhadores, empreiteiros de roças, fabricantes de farinha recebendo diárias, famílias e solteiros trabalhando como pilotos de barco e tripulação, braços responsáveis pela preparação de roças e pastagens são alguns dos componentes da vasta lista que dá corpo ao capítulo.

A Frente agrícola e seu deslocamento no sentido leste-oeste, passando pelo Maranhão e constituindo as povoações demonstra, no trabalho de Otávio Guilherme Velho, o visionarismo a ele inerente. São Domingos das Latas, depois São Domingos do Araguaia, merece uma atenção especial pelo seu papel de entreposto, resquício de vida indígena denunciado por material arqueológico ali encontrado, e contato com um morador a que se atribui o papel de fundador, fonte privilegiada na narrativa do antropólogo.

Na descrição e análise do referido capítulo aparecem elementos das transformações como representantes da modernização: bancos, as ligações com as políticas nacionais, a ruptura do isolamento que se vai apresentando nas mudanças de nomes dos logradouros, função das atividades que vão se instalando, impondo um novo ritmo e um novo tempo.

A Rodovia Transamazônica se impõe como tema e se mantém o estilo intenso da obra. Os militares, continuando o projeto de integração nacional anunciado nos anos trinta por Vargas, continuado por Juscelino, investem na abertura, construção e melhoramento das estradas. A Transamazônica é o símbolo do projeto de modernização que elege as rodovias e os motores à explosão como principais personagens. As estradas, como serpentes, são as principais personagens de parte da modernização. Na linguagem do autor elas ganham vida, partem, atravessam, cruzam bacias, alcançam pontos do território, conectam-se e se encontram com outros seres da mesma ou de diversa natureza. No fazer destas rotas, acampamentos, vilas, povoações, cidades surgem, se intensificam, se enfraquecem, desaparecem. Projetam fazendas de gado, revelam desmatamentos e plantios, linhas de

ônibus adquirem regularidade, lotados de pessoas querendo sair e chegar, despendendo ora tempo longo e penoso, ora tempo curto e moderno.

A partir de outubro de 1971, com a Transamazônica, a viagem de São Domingos a Marabá reduziu-se a um trecho de 56 km, percorridos em 1 hora de ônibus ao custo de Cr\$ 2,00.

Uma minoria também vai utilizando as novas estradas para percursos maiores, surgindo muitos projetos de rever parentes e a terra de origem [...] (VELHO, 1972, p. 148).

Tempo, espaço e vida humana são os ingredientes de *Frentes de expansão e estrutura agrária* de Otávio Guilherme Velho. Os mesmos elementos serão encontrados nos trabalhos que dele fizeram o reconhecido antropólogo que olha e descreve o outro sem se despir de sentimento e percepção apurados pelo instrumental adquirido na longa trajetória de estudioso da sociedade e seus grupos em transformação.

#### TEORIA E ELEGÂNCIA LITERÁRIA

O que se coloca em relevo neste texto são objetos e atividades cujo significado revela desigualdades de classe geradas em tempos primordiais e que vão se refazendo ao longo de uma história de quinhentos anos de expansão da cultura européia, mestiçada pelo esforço de dominação, negociada frente às expressivas resistências do índio e do negro, moldes da cultura brasileira, com personagens que se inventam e reinventam, adequando-se aos tempos e às conjunturas.

O virtuoso da escrita e leitura oferecidas por Otávio Guilherme Velho, é que onde se vê uma atividade, se vê o autor, os atores e os figurantes, em cenário construído de elementos ordenados, tangíveis, comprovados, materializados. Não estamos falando de uma obra ficcional, como poderia sugerir o título e a abordagem que privilegiamos ao longo de todo o texto. O compromisso do texto deste antropólogo não permite o *qualquer semelhança é mera coincidência*, reivindicação comum aos trabalhos de ficção romanesca. Ao contrário, toda semelhança é produto da observação direta e da capacidade de dizê-la com todos os detalhes do inanimado e do que tem alma. Todo detalhe tem sentido no todo e a inteireza que o texto sugere é produto dos detalhes ordenados pela compreensão de sua riqueza relacional no contexto analisado.

A leitura de cada parágrafo de *Frentes de expansão* impressiona pela mobilização de muitos elementos substantivos em cada idéia repassada, o que sugere que o caderno de campo e a memória do autor devem ter sido enriquecidos em registros do que ele viu e sentiu em cada observação, permitindo-lhe montagem de um texto que pode ser caracterizado como denso, convincente, coerente, lógico. Conhecido pelo uso em campo de seu colete de fotógrafo, cheio de bolsos e botões, pode-se imaginar de quantas informações voltava carregado o pesquisador, em cada viagem de incursão no domínio privilegiado de seus estudos. É verdade que para se dar qualidade ao texto, não basta que o registro seja volumoso, mas não se dispensa que seja sistemático, que dê prioridade ao essencial. Quando se prende em um detalhe, há que ser detalhe que sintetize a totalidade na qual se insere. Esta é uma das qualidades do texto otavioguilhermevelhiano. Para ser fiel à fala que originou este comentário, compare-se a densidade antropológica do pesquisador carioca com a dos textos de Dalcídio Jurandir. Nunes (1998) atribui ao texto do romancista paraense uma fluidez que conceitua como aquonarrativa, caracterizada pela abundância de imagens e sentimentos que evoca, em parágrafos copiosos. Nunes diferencia Dalcídio Jurandir de Graciliano Ramos, romancistas - um do norte, outro do nordeste, um da Amazônia irrigada e outro do Nordeste árido, seco - pelos estilos associados aos sentimentos que produzem nos leitores, de conforto e desconforto. Para usar este marco literário, *Frentes de expansão* é um trabalho amazônico, dalcidiano, generoso na profusão de imagens, sentimentos, demonstrações racionais e conscientes da apreensão que fez de seu foco de estudo, a ocupação desta região conflitada e densa de significados na sociedade brasileira.

*Frentes de expansão* é trabalho que desmistifica a noção de que dissertações de mestrado e teses de doutorados são fadadas ao mofo dos arquivos mortos ou das estantes menos consultadas das bibliotecas. Merece ser lida pelos estudiosos de economia, agronomia, e todas as áreas que se interessem pelo processo histórico que tornou a Região Sudeste do Pará alvo dos conflitos mais candentes do país, e por isso não pode faltar nas estantes de todos os centros de estudos espalhados pelo território nacional. Isto porém é só o começo. Quem quiser ver todos os personagens e seus movimentos na cena amazônica, precisa ler e dialogar com os outros trabalhos do autor e dos outros com quem dialoga.

## REFERÊNCIAS

- FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Ed. Nacional, 1982.
- HÉBETTE, Jean. *Cruzando a fronteira: 30 anos de estudo do campesinato na Amazônia*. Belém: EDUFPA, 2004.
- NUNES, Paulo Jorge Martins. *Aquonarrativa: uma leitura de Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Centro de Letras e Artes/Universidade Federal do Pará, Belém, 1998.
- PRADO JUNIOR, Caio. *História econômica do Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1976.
- VELHO, O. G. *Frentes de expansão e estrutura agrária*. Estudo do Processo de Penetração numa área da Transamazônica. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.